

JORNADAS PEDAGÓGICAS

Por ALVARO SIZA
Arquitecto

As Notas que apresento sobre o Ensino da Arquitectura assentam em algumas convicções, certamente discutíveis, decorrentes da minha circunstancial e fragmentária experiência como Arquitecto e como Docente, as quais assim resumo:

1. O *Arquitecto não é um especialista*. A vastidão e variedade de conhecimentos que a prática de projecto hoje envolvem, a sua rápida evolução e progressiva complexidade, de modo algum permitem conhecimento e domínio suficientes. Relacionar —projectando— é o seu domínio, lugar do compromisso que não signifique conformismo, da navegação entre a tela das contradições, o peso do passado e o peso das dúvidas e alternativas de futuro —aspectos que explicam a inexistência de um Tratado contemporâneo de Arquitectura.

—O problema de construir uma casa já não é isolável. Cada unidade de projecto, pela sua verificada multiplicação, constitui mediação entre interesses gerais e individuais — exige ideia global e aproximação detalhada— reais ou simuladas; exige relação entre Plano e Projecto, cada um contendo o outro, sem o outro limitar ou dispersar, ou herarquizar, minorizando num ou noutro sentido.

—Na sociedade em que vivemos é impensável projecto sem diálogo, sem conflito e encontro, sem dúvida e convicção —alternativamente e por muito diferentes razões.

2. De um modo geral, o Ensino contemporâneo da Arquitectura não se relaciona com esta condição, ou por ela ser um ilusão, ou por a ela ser prestada atenção (e é nisto que acredito).

Na minha perspectiva, e de imediato, o Ensino da Arquitectura exige pelo menos:

—Trabalho quotidiano real e não simulado em inter-disciplinaridade. Os interlocutores podem ser docentes, ou a isso pode corresponder um por agora muito difícil relacionamento entre Cursos diferentes.

—A aquisição de conhecimentos —sempre são provisórios e insuficientes os conhecimentos —exige sobretudo a aprendizagem da capacidade de interrogar, de contínua abertura e espírito crítico, o oposto a Cartilha ou Sebenta ou Bíblia. A composição do corpo docente deve ser organizada em consonância com o referido, ultrapassando conceitos de carreira e hierarquia (ou a eles não se limitando). Uma Escola tem de ter meios para alimentar essa vitalidade e flexibilidade.

—A aprendizagem —a aquisição da capacidade de continuamente aprender— continua a centrar-se, em meu enten-

der, no desenho —no aprender a ver, a compreender, a exprimir— e na história —no sentido de conquista da consciência do presente em devir.

—A construção —a capacidade de com outros construir— não é dissociável da Arquitectura, pelo que não devem existir disciplinas diferentes, mas antes convergência, em constante conhecimento de que nenhum acto criador se dissocia da materialidade do seu acontecer.

—Nenhuma ideia de oposição entre paisagem —percepção e construção do território— e objecto —fragmento do território— tem lugar no ensino da Arquitectura.

3. A Arquitectura não permite e não aceita o improvisado, a ideia imediata e directamente transposta. A Arquitectura é revelação de desejo colectivo nebulosamente latente. Isso não se pode ensinar, mas é possível aprender a desejá-lo.

Por isso, Arquitectura é risco e o risco procura o desejo impessoal e o anonimato, a partir da fusão de subjectividade e objectividade. Em última análise, em progressivo distanciamento do Eu.

A Arquitectura significa compromisso transformado em expressão radical, isto é, capacidade de absorver o oposto e de sobreviver à contradição. Aprender isso exige um ensino à procura do Outro dentro de cada um.

A Arquitectura, arte colectiva, é inimiga da arrogância e da falta de ambição, do elogio da auto-castração, em nome da suposta limitação do Outro, da inversão da arrogância, das supostas razões sociais da mediocridade. O desejo colectivo manifesta-se em cada pedra e revelá-lo é a única forma de não ser elitista. A perseguição do sublime identifica-se com a função social do Arquitecto, porque o desejo do sublime não é invenção do Arquitecto.

Anúncio de esperança nos caminhos da Arquitectura surge no renovado interesse dos Artistas por essa disciplina —Donald Judd ou Heerich ou outros menos conhecidos. Esse interesse decorre da autenticidade que eles encontram na Arquitectura. É curioso ver o caminho inverso de tantos Arquitectos —a pretenciosa procura do título de Artista, ou a sua envergonhada recusa, sob os mais variados pretextos, mesmo invocando —mal— as palavras de grandes Arquitectos, como Adolf Loos. A Arquitectura é Arte ou não é Arquitectura. Não é mãe das Artes porque a elas não dá origem, sendo como elas autónoma e alheia à dispersão.

